

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

Edmilson Ribeiro Assis

**LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM SALA DE AULA:  
UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de leitura e Produção de Textos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gláucia Muniz Proença Lara

BELO HORIZONTE

2011

## RESUMO

Em toda a sociedade, comenta-se sobre o baixo nível de leitura nas escolas brasileiras. A possibilidade de acesso aos meios (suportes) de leitura aumentou com o desenvolvimento tecnológico, porém observa-se que tais recursos são mal aproveitados. As escolas públicas, por exemplo, nesta última década, têm sido providas de livros didáticos e paradidáticos, investimentos para compra de computadores e outros recursos tecnológicos, mas o desempenho dos alunos em leitura continua abaixo do razoável. Apontam-se, nas leituras e produções textuais dos discentes, problemas como o baixo nível de informação, o desconhecimento dos mecanismos linguísticos e discursivos de produção do sentido e a visão fragmentária da realidade, entre outros.

Este trabalho, uma monografia preparada para o curso de especialização da Faculdade de Letras da UFMG, é uma oportunidade para refletirmos sobre a situação exposta acima e propormos a abordagem da teoria semiótica em sala de aula, não somente na análise de textos de alunos do ensino médio pelos professores (o que foi feito aqui), mas também como conteúdo de estudo no currículo dos alunos, contribuindo, assim, para sua formação enquanto leitores. Algumas categorias da semiótica, oriundas do percurso gerativo de sentido, podem ser utilizadas para o que aqui se propõe, como, por exemplo, as oposições semânticas de base, as relações entre sujeitos e objetos de valor, temas e figuras, as projeções actanciais (de pessoa), de modo a explicitar as estruturas subjacentes à superfície textual. Todas essas noções são formas bem “costuradas” para representar o mundo através da linguagem, constituindo, dessa forma, um simulacro do “mundo real”. O *corpus* utilizado para aplicação da teoria semiótica consiste em textos de alunos do ensino médio.

**PALAVRAS-CHAVE:** narratividade; sujeito; objeto; temas e figuras; projeções actanciais; ensino.

## ABSTRACT

In all society has been commeted about the reading low level in Brazilian schools. The possibility of access to the means of reading has been noted that such resources are not being recovered very well. At the public schools for instance, in this last decade they have been provided with didactic and paradidactic books, investments for purchasing of computers and other technological resources rather than the performance of students in reading is reasonable low. It has been demonstrated in reading and textual production of them, problems with low information level, the ignorance of linguistic mechanism and discursive of sense and the reality fragmentary vision among others.

This paper a monography prepared for the specialization course of Faculdade de Letras da UFMG is a good opportunity for considering about the situation posed above and we propose the semiotic theory approach in classroom not only in student text analysis from teachers (it has already done here), but also as a content of study in students' resume, contributing in this manner to their formation as readers. Some categories coming from generative way of sense can be used for what it has been proposed here like for example fundamental semantic opposition; the relations between subject and objects of value, theme, pictures, person projections so that to explicit the subjacent structure to the textual surface. All this notions are sharply well "sewed" to represent the word through the idiom thus constituting a simulacrum of "actual word: the "corpus" used for instrument in semiotic theory consists in student text of first learning degree.

**KEY WORDS:** narrativity; object; themes and pictures; personal projection; learning



## SUMÁRIO

1- Introdução.....	06
2- Questões teóricas e metodológicas.....	10
3. Uma leitura semiótica de textos de alunos do ensino médio.....	17
4- Conclusão.....	25
5- Anexo.....	27
6- Referências.....	31

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos analisar alguns textos produzidos por alunos do 1º ano do ensino médio, à luz da semiótica greimasiana. Isso porque o desempenho de leitura no âmbito escolar tem suscitado a atenção não somente dos educadores, mas também de outros segmentos da sociedade. Consta-se que os alunos que terminam o ensino médio não compreendem o que leem, ou seja, decodificam o texto, mas mostram-se, em geral, incapazes de (re)construir adequadamente os sentidos nele proposto. Dados do PISA, instituição internacional que mede o grau de proficiência de leitura dos alunos de vários países, classificou o Brasil, em 2009, em quadragésimo nono lugar em leitura no *ranking* de 65 países.<sup>1</sup> (<http://pt.wikipedia.org/wiki/pisa>). E, embora não haja uma relação direta e automática entre ser um bom leitor e ser um bom produtor de textos, o que se observa é que a fragilidade da maior parte dos textos produzidos pelos alunos na escola aponta para deficiências de leitura.

Não pretendemos aqui fazer um estudo dos recursos e materiais didáticos e pedagógicos que interferem no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da produção de textos na escola, mesmo tendo em vista a importância desses recursos na formação do aluno. O objeto a ser analisado é o próprio texto. Nessa perspectiva, a semiótica francesa (ou greimasiana) parece-nos uma teoria adequada para trabalhar com esse objeto. Segundo Barros (2005, p. 118): “a semiótica tem [...] o texto, e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentidos do texto, isto é, o que o texto diz, e também ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos”. Assim, a partir da análise do plano de conteúdo de um texto, é possível perceber as estratégias e os procedimentos materializadas na superfície textual (plano de expressão verbal), levantando hipóteses sobre os fundamentos da discursividade projetados no tecido textual.

Lembramos que, para a semiótica, os conceitos de *discurso* e de *texto* não se confundem: o discurso está ligado ao plano de conteúdo – às ideias veiculadas. Já o texto resulta da junção do plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão – verbal, não verbal (visual, gestual, sonoro etc) ou sincrético –, ou seja, à(s)

linguagem(ns) que veiculam o conteúdo.

O que nos interessa, portanto, é não apenas o que o texto diz, mas sobretudo como ele o diz. Em outras palavras, perguntamo-nos: qual é o discurso (plano de conteúdo) revelado nos textos produzidos pelos alunos? Como esse discurso se materializa na/pela linguagem (verbal), transformando-se em texto? Estas são, em linhas gerais, as questões que orientam o percurso deste trabalho.

Quanto à teoria escolhida como nossa teoria de base, vemos que a semiótica greimasiana, ao tomar o texto/o discurso como seu objeto, analisa-o por meio do percurso gerativo de sentido, simulacro teórico-metodológico de produção e apreensão de textos, que considera três níveis de análise: o nível fundamental, mais simples e abstrato, que se assenta em uma ou mais categorias semânticas de base (oposições do tipo a *versus* b), cujos termos recebem valorizações positivas (eufóricas) e negativas (disfóricas); o nível narrativo, em que os valores mais abstratos do nível fundamental transformam-se em valores inscritos em objetos com os quais o sujeito quer entrar em junção (conjunção ou disjunção); e o nível discursivo, o mais complexo e concreto, “em que a organização narrativa vai-se tornar discurso, graças aos procedimentos de temporalização, espacialização, actorialização, tematização e figurativização, que completam o enriquecimento e a concretização semântica já mencionados.” (FIORIN, 2005, p.188).

O que nos motivou a trabalhar com a questão da leitura – e com a questão correlata de produção de textos – na escola é a constatação de que existe uma espécie de consenso entre os educadores no que tange ao baixo desempenho dos alunos quanto a essas habilidades. Isso decorre de fatores como a falta de compromisso dos alunos em realizar as atividades propostas pelos professores, a falta de materiais didáticos ou mesmo o seu mau gerenciamento, o descompromisso de alguns profissionais (educadores) com o seu próprio desempenho e com o seu próprio desenvolvimento intelectual. Entretanto, um problema que nos chama a atenção é o baixo número de leitores de textos literários entre os estudantes. Além disso, constatamos que, nas salas de aula e em outras dependências da escola, as informações que, frequentemente, perfazem o diálogo entre os estudantes originam-se de comentários esportivos ou de informações veiculadas pela televisão, que ainda é o principal meio de informação em comunidades mais carentes.

Outra fonte de informação muito comum dentro da escola é a circulação entre os discentes dos jornais diários *Mais* ou *Super*. O foco de atenção dos leitores desses veículos volta-se prioritariamente para assuntos sobre futebol ou crimes, e não são poucos os alunos que demonstram total desinteresse pelas páginas do jornal que porventura tragam assuntos relacionados a literatura, política, estética, ética, ciência, tecnologia, ou seja, os assuntos privilegiados pelos referidos jornais e que, por isso, ganham a preferência dos alunos/leitores são temas que apelam para as grandes comoções populares: esportes (sobretudo futebol), crimes e questões afetivas (ligadas, principalmente, ao sexo). Todos estes temas podem – e são – tratados na/pela literatura, mas não é o que podemos observar a partir dos comentários dos alunos.

É oportuno observar que livros didáticos e paradidáticos (literários) que fazem parte do programa de distribuição do MEC, chegam periodicamente às escolas. Mesmo assim, são poucos os leitores que frequentam a biblioteca, e é muito tímida a política pedagógica que incentiva os alunos à leitura.

Em suma: é com base no quadro apresentado acima sobre a realidade da leitura e dos leitores no âmbito escolar, que propomos aqui uma reflexão sobre o tema da leitura nas escolas, a partir de textos produzidos pelos próprios alunos. Pretendemos ainda avaliar se as atividades acadêmicas usualmente propostas pelos professores na escola transformam, de fato, o aluno em um leitor competente e participativo, inserido também na tradição literária.

O principal objetivo que nos move nesta monografia é, pois, levar o aluno a refletir sobre o exercício da leitura na sociedade, avaliando sua importância, sua função social e também fazê-lo participar ativamente na formulação de sua própria opinião sobre os temas que lhe são propostos. Para tanto, pretendemos observar se a leitura de textos literários nas salas de aulas de ensino básico e **médio** influencia e cria hábitos de leitura no aluno, mesmo quando ele termina o período escolar. Cabe-nos ainda verificar até que ponto a literatura é utilizada na escola com vistas a se transformar num instrumento de informação, formação, transformação ou entretenimento na vida dos leitores/alunos e quais as preferências de leituras entre leitores de ambos os sexos. Esses questionamentos decorrem da hipótese de que a escola não tem efetivamente investido na formação de leitores proficientes, o que buscaremos corroborar (ou não) a partir de textos escritos pelos próprios alunos, como já afirmamos.



As atividades, como se verá, foram planejadas de modo a ampliar o espaço de ação do aluno, não o restringindo ao contexto escolar. A finalidade desse exercício foi, sobretudo, levar o aluno a se conscientizar sobre os procedimentos envolvidos na construção de sentido(s) de um texto, o que envolve várias habilidades, tais como conhecimentos básicos sobre o tema, observação, filtragem de informações, comparação entre diferentes pontos de vista e concentração na hora de construir o texto.

## 1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

### 1.1. Algumas considerações sobre a metodologia

O presente trabalho fundamentou-se em dois procedimentos básicos: o primeiro, que envolveu atividades de caráter mais prático, foi realizado com os alunos na – ou a partir da – escola; o segundo restringiu-se à análise de textos dos alunos (resultantes da etapa anterior) pelo professor/pesquisador, à luz da semiótica greimasiana. Vamos à descrição de cada um deles.

O primeiro procedimento foi desenvolvido com os alunos das turmas 101 e 202 do Ensino Médio, **1º e 2º anos**, da Escola Estadual José Maria Bicalho, localizada no bairro Frimiza, em Santa Luzia. As atividades dessa etapa foram desenvolvidas em aulas da disciplina Língua Portuguesa e consistiram em levar o aluno a refletir sobre “a leitura na escola” e a dar sua opinião, produzindo, para tanto, um texto dissertativo-argumentativo. Nessa perspectiva, propusemos atividades que permitissem ao aluno perfazer o caminho da produção textual de maneira que ele atuasse ativamente na construção de sua própria opinião, refletindo, realizando atividade de coleta de informações, analisando dados e dialogando na escola e na própria comunidade onde vive. Essas atividades propiciaram, para os alunos, a reflexão, a tomada de posição, a escrita, a reescrita e a opinião final em forma de um texto argumentativo.

O trabalho priorizou, desde o início, a leitura literária. Assim, ao se depararem com definições teóricas sobre a literatura que apontam para o seu caráter social, os alunos foram levados a refletir sobre algumas de suas [da literatura] características: herança, interatividade, ação, participação, intervenção, formação, instrução, educação, transformação. A leitura traz em si, potencialmente, todas essas possibilidades que podem (ou não) ser realizadas. Com vistas a reforçar ainda mais o caráter social da leitura (no caso, literária), além da apresentação e discussão de textos escritos, utilizamos a “tela”: exibimos para os alunos o filme “Um mestre na periferia do capitalismo”, sobre o escritor Machado de Assis. Após a leitura e a exibição do filme, realizamos um debate orientado pelas questões: **1- De onde o escritor tira a “matéria” para compor o seu texto ou obras? 2- No caso do documentário “um mestre na**

periferia do capitalismo” aponte as fontes de onde Machado retira a matéria de sua obra? 3- Qual(is) a(s) maior(e)s contribuição(es) Machado deixa para a literatura brasileira?, de modo a deixar claro para os alunos a visão de que a leitura dos textos literários só se tornou possível porque ela foi coletivamente construída, isto é, os valores ali (no texto) inscritos fazem parte da herança social e são aceitos e compartilhados socialmente pelos seus usuários (leitores).

Considerando o aspecto da sociabilidade da leitura (no caso deste trabalho, a literária), podemos afirmar que ela nasce e se multiplica numa extensa rede que capta e representa, no mundo, não somente os seres nele presentes, mas também as relações que estes estabelecem entre si. Através dela, o mundo é representado, cristalizado em cultura e compartilhado entre os semelhantes ou, então, passa a servir a outros fins (como a dominação do homem pelo homem). Em última análise, a ênfase no caráter social da leitura e na construção de sentidos pelo leitor busca valorizar o sujeito (aluno) como o principal agente de sua formação intelectual, através da reflexão sobre experiências vividas e apoiado por uma orientação teórica.

Por outro lado, prevendo o exercício “fastidioso” e mais teórico das leituras feitas em sala de aula, propusemos também uma pesquisa de campo para que os alunos buscassem dados mais concretos para responder às questões propostas. Esse procedimento foi objetivado para que eles se sentissem mais responsáveis pela execução do trabalho, principalmente ao assumirem uma postura mais objetiva, mais pessoal, nas atividades de análise das informações e de sistematização de seu próprio ponto de vista. Essa pesquisa foi feita com ex-alunos, isto é, com moradores da própria comunidade, com ensino médio concluído e faixa etária acima de 20 anos, e teve a duração de 30 dias, desde a proposta até a entrega do texto final pelos alunos, durante o mês de novembro de 2010. É importante ressaltar que se trata de uma atividade escolar, que, embora não restrita ao ambiente escolar, traz em si o formalismo institucional o que pode influenciar determinantemente o discurso do aluno.

Nesse sentido, foram encaminhados aos informantes um questionário de sondagem com perguntas como: Quais são suas leituras mais frequentes (que gêneros textuais você lê com maior frequência)? Qual é sua principal motivação para a leitura? A escola contribuiu para que você desenvolvesse o hábito de leitura literária?

A realização da pesquisa e a organização dos dados (das respostas ao

questionário) foram feitas em grupo, sendo os resultados encaminhados a uma aluna que se encarregou de recebê-los e de divulgá-los para os demais colegas. De posse dos dados levantados pela pesquisa, os alunos, em duplas, foram orientados a produzir um texto dissertativo-argumentativo, expondo sua opinião sobre o tema tratado (leitura do texto literário) e articulando-a à opinião de outros leitores (ex-alunos da comunidade). O resultado dessa atividade proposta aos alunos é que constitui o segundo procedimento apontado na introdução desta seção e que comporá o *corpus* da presente pesquisa, que, como já afirmamos, será analisado por meio da teoria semiótica (francesa), fundada por Algirdas Julien Greimas (segundo procedimento descrito mais acima). Com isso, pretendemos chegar à imagem da leitura (literária) e dos leitores construídas discursivamente pelos alunos nos textos produzidos, observando semelhanças e diferenças. Isso nos ajudará a verificar a hipótese que propusemos anteriormente: a de que a escola não tem, efetivamente, contribuído para a formação de leitores proficientes

### **1.2.. A semiótica greimasiana como opção teórica**

A análise dos textos dos alunos, aqui apresentados, “orientou-se pelo modelo teórico metodológico que simula a produção e a interpretação do conteúdo de um texto” LARA (2010, p.2), o que permitiu-nos reconstruir o percurso gerativo de sentido. Sendo o texto um objeto de significação, cabe ao analista descrever e explicar o que o texto diz e como ele o faz para dizer o que diz examinando o seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

A definição do conceito de narratividade, enquanto uma transformação ocorrendo entre dois estados sucessivos é abordado neste trabalho, pois a narrativa se assenta e desenvolve-se pela articulação das unidades mínimas (enunciados de estado e enunciados de ação) que podem ser consideradas a base onde se assenta as estruturas mais complexas, como veremos os níveis do percurso gerativo de sentido.

Em relação ao nível fundamental, procuramos identificar o tema semântico de base, revelado por termos que se opõem, tipo liberdade vs não-liberdade que subjazem a superfície textual, e é por sua vez o termo mais simples e abstrato que sustenta os outros níveis. As operações lógicas de /afirmação/ e /negação/ da sintaxe fundamental são retomados na sintaxe narrativa enquanto relação de transitividade e de transformação

entre os enunciados de estado e os enunciados de ação. Ao determinar as categorias semânticas de base, estas são organizadas no quadrado semiótico e estabelecidas como: termos contrários e subcontrários, termos contraditórios e termos complementares. Ainda na semântica fundamental, os termos opostos são recobertos por valores positivos (eufóricos) vs negativos (disfóricos). Passando à sintaxe narrativa aplicamos os programas de aquisição/privação (transitiva ou reflexiva), a primeira quando o sujeito de fazer é diferente do sujeito de estado e a segunda, quando o sujeito de fazer é igual ao sujeito de estado, o que corresponde respectivamente aos programas de doação e apropriação; o percurso narrativos do sujeito articula-se numa sequência canônica que compreende os PNs de manipulação, competência, performance e sanção. Do sujeito, exige-se no programa de competência, as modalidades do (saber e poder); na performance traça-se o plano de ação; quanto ao destinador-manipulador (PN de manipulação), estabelece-se as modalidades (querer e/ou dever) podendo o destinatário aderir ou não ao contrato estabelecido com o destinador; por sua vez, o destinador-julgador exerce o programa da sanção, cabendo-o sancionar cognitivamente e/ou pragmaticamente (PN de sanção).

Quanto à semântica narrativa, corresponde ao nível em que os objetos recebem valores e passam a ser atraentes e desejados ou negados e rejeitados pelo sujeito. A valorização dos objetos corresponde, na sintaxe fundamental, às categorias semânticas de base (eufórica vs disfórica). A conjugação com esses objetos de valores podem se dar de forma transitiva, quando o sujeito de fazer é diferente do sujeito de estado, ou reflexiva, quando o sujeito de fazer é igual ao sujeito de estado. O sujeito é modalizado (querer/dever/poder/saber/crer) pelas tensões fônicas fundamentais e é influenciado na sua ação e no seu modo de vida, o que, por sua vez, abre-se para a semiótica da paixão, ou seja, os modos de existência do sujeito no mundo.

O último nível, o discursivo, as categorias utilizadas neste trabalho são temas e figuras e projeções actanciais (pessoa, tempo e lugar). A sintaxe discursiva trata das projeções da enunciação no enunciado. Através da debreagem enunciativa, um eu-aqui- agora da enunciação projeta-se no enunciado e cria um efeito de subjetividade. A debreagem enunciativa projeta um ele-lá-então, criando um sentido de objetividade, e distanciamento do enunciado. Quanto à semântica discursiva, os temas, mais abstratos, são revestidos por figuras, termos que fazem referência às coisas do mundo natural. O

encadeamento de temas e figuras revelam as instâncias ideológicas presentes no discurso. Sendo o nível discursivo o mais concreto na estrutura narrativa, os temas e as figuras são os elementos a que mais se recorrem para construir a imagem que um sujeito tem do mundo e de suas relações mais imediatas, pois são dispostos na superfície textual e apreendidos sensorialmente.

### 1. 3. Caracterização da escola e da comunidade

A E. E. José Maria Bicalho localiza-se na periferia de Santa Luzia, na grande BH. Suas dependências são modestas, oferecendo aos seus frequentadores basicamente salas de aula, banheiros, um (???) pátio, duas quadras de futsal e uma pequena biblioteca. No bairro, a maioria dos trabalhadores pertence à classe operária de pequenas indústrias e do comércio ou executam atividades autônomas de baixa remuneração. A maioria das famílias moradoras do bairro veio de outras localidades. Com a invasão de terras, abriram-se novos loteamentos sem infra-estrutura. É possível notar a diversidade cultural entre os moradores que têm sua origem no bairro e os que chegaram depois. Os moradores antigos possuem habitações melhores, contam com melhor infra-estrutura (água, esgoto, asfalto), tem maior poder aquisitivo, e nota-se, entre os alunos destas famílias, um maior nível de informação. Quanto à outra parte da comunidade, a que chegou no bairro, nas duas últimas décadas, reside em casas muito simples, algumas construções em terrenos ocupadas (invadidos) e nota-se, até o dia de hoje, falta de saneamento básico, em algumas localidades. É notório a diferença (cultural e de informação) entre alunos que vivem em condições tão díspares, o que pode ser observado, principalmente, através dos diálogos proferidos por eles, em sala de aula. O nível de leitura entre os alunos é muito baixo, sendo os principais meios de informação a oralidade (conversas informais), “o que se ouve falar...!” e a televisão. A maioria das famílias não tem computador em casa e a própria escola até o momento não disponibilizou esse recurso.

#### 1.4. Descrição e cronograma das atividades realizadas com os alunos

**I fase** (sala de aula) – Duração: duas aulas de 50 minutos cada.

a) Exibição do filme produzido pela Tvesccola, *Mestres da literatura: Machado de Assis, um mestre na periferia do capitalismo*. Solicitamos a entrega de um comentário crítico na aula seguinte, bem como das respostas às questões incluídas no seguinte roteiro sobre o filme.

Questão 1) - De onde o escritor tira a “matéria” para compor o seu texto ou sua obra?

Questão 2) - No caso do documentário “Um mestre na periferia do capitalismo”, aponte as fontes de onde Machado retirou matéria para a composição de sua obra.

Questão 3) - Qual a maior contribuição Machado deixa para a literatura brasileira?

Questão 5) – Aponte duas contribuições da literatura para a vida das pessoas.

(8/11/2010) – uma aula.

b) Debate sobre o filme e leitura de um texto que trata sobre literatura, do livro de português de Ulisses Infante. *Textos: leituras e escritas: literatura, páginas 15 a 18 vol. Único. S.P.:Scipione, 2005*. Os alunos fizeram um resumo da leitura e também entregaram suas respostas às questões incluídas no roteiro sobre o filme - 12/11/2010 – uma aula.

**II fase** - Pesquisa de campo (entrega prevista para o dia 18/11): os alunos aplicaram o questionário abaixo às pessoas residentes no bairro que concluíram o ensino médio. As respostas deveriam ser digitalizadas ou escritas a tinta, com letra legível:

**Questionário:**

a- Que tipo de texto (gênero) você lê?

b- Qual o motivo da leitura?

c- No período em que você era estudante, a escola trabalhava com textos de literatura brasileira (poesia, romance, conto, etc)?

e- Em que tipos de leitura (gêneros) a escola influenciou você? Cite alguns.

f- Na sua opinião, por que algumas pessoas leem textos literários?

**III fase** (sala de aula) **Duas aulas de 50 minutos cada.** Organização dos dados e apreciação das respostas da pesquisa, orientadas pelo comando seguinte:

Nesta última fase, organizaremos os dados colhidos na pesquisa e analisaremos o resultado de acordo com a pergunta: **A escola cria hábitos de leitura literária nos alunos que passaram pelo ensino médio?** Produção de um texto dissertativo-argumentativo, explicando os resultados da pesquisa. - 29/11 e 8/12/2010

#### **IV Acompanhamento e avaliação**

O trabalho foi avaliado de acordo com as etapas de realização. Na primeira, os critérios de avaliação foram: participação do aluno nas atividades em grupo, avaliação do resumo sobre a leitura de textos abordando a literatura e o debate em sala de aula sobre o filme/documentário, com a entrega do comentário crítico e das respostas do roteiro. Foram distribuídos 3 pontos. Na segunda etapa, foram avaliadas a participação de cada um na aplicação do questionário e a entrega dos dados da pesquisa no dia combinado (3 pontos). Por fim, na terceira etapa, os textos produzidos pelas duplas foram avaliados pelo professor (duas vezes, quando era necessário fazer correções/reescrita) -( 6 pontos ).

O trabalho, como já foi dito, contemplou um tema que é muito debatido atualmente, sobretudo por se tratar de uma atividade que anda muito mal nas nossas escolas: a leitura (sobretudo literária). Embora, durante os anos que frequentam a escola, os alunos se deparem com textos literários e teorias literárias, quando terminam o ensino médio, eles ainda apresentam desempenhos insatisfatórios em leitura e pouco conhecimento sobre a nossa literatura. Além disso, quando escrevem, eles demonstram muita dificuldade em interpretar dados/informações e em relacionar vários campos do saber. No caso da nossa experiência, apesar das várias oportunidades que criamos para reflexão, discussão etc, poucos foram os alunos que souberam, de fato, fazer uso adequado das informações adquiridas ao longo do processo, de modo a construir um “bom” texto dissertativo argumentativo: um texto claro, coerente, consistente com a



posição assumida.

As primeiras dificuldades surgiram já no aproveitamento do tempo destinado à reflexão, feita em grupos de quatro alunos: desatenção em relação à proposta de trabalho e conversas estranhas ao tema. Quanto à pesquisa com a comunidade, alguns alunos não a entregaram. Já na etapa seguinte os problemas foram maiores, visto que envolviam aspectos fundamentais para a construção de um “bom” texto: estrutura textual, formação de parágrafos, coerência temática, coesão entre períodos e parágrafos. Em relação ao nível de informação e organização de dados, a maioria apresentou dificuldades de entendimento, principalmente, ao relacionar vários campos do saber, e mesmo de realizar atividades, como, por exemplo, analisar os dados da pesquisa e emitir opinião.

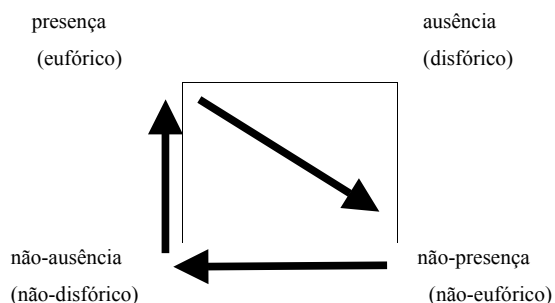
Apesar dessas dificuldades em relação ao desenvolvimento do trabalho, pudemos elencar alguns resultados importantes, obtidos na pesquisa com a comunidade. Constatamos, assim, que mais de 60% dos entrevistados leem romances, poemas, crônicas e contos. Nesse percentual, as mulheres se destacam na leitura de romances, contos e poesia, enquanto os homens leem mais noticiários esportivos. Em relação à motivação para a leitura, 73 entrevistados responderam que leem por entretenimento, 17 por obrigação escolar, 49 para adquirir conhecimentos, 37 para se informarem. Finalmente, sobre o incentivo à leitura (sobretudo de gêneros literários) na/pela escola durante o ensino básico, 149 responderam que sim e 36, que não.

Alguns dos textos escritos pelos alunos na última etapa do trabalho estão reproduzidos na íntegra (inclusive com os “erros” apresentados originalmente). Esses textos (cinco), que fazem parte de um *corpus* de xxxx textos, no total, e que foram retirados aleatoriamente do conjunto, passaram por uma atividade de reformulação (reescritura), o que, mesmo assim, não eliminou completamente seus problemas, como se verá. São eles nosso objeto de análise no próximo capítulo, à luz da semiótica greimasiana. Com isso, como dissemos, pretendemos chegar à(s) imagem(ns) da leitura – e da escrita – construídas pelos alunos em seus textos.

## 2. UMA LEITURA SEMIÓTICA DE TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

### 2.1. O nível fundamental do percurso gerativo de sentido

Nos textos de 1 a 5, considerando a relação entre a leitura (literária) e os leitores, temos a categoria semântica de base /presença/ vs /ausência/, sendo esta disfórica (negativa) e aquela eufórica (positiva). Isso porque a presença da literatura é atribuída a um grupo seletivo de indivíduos que, dessa forma, se tornam possuidores de valores atraentes, reconhecidos pela sociedade, enquanto a ausência denota a não-participação nos benefícios que a leitura pode proporcionar àquele que habitualmente a exercita por vontade própria: “...exercitar o raciocínio lógico, exercitar a mente” “(...) feita com prazer , traz os benefícios de paz de espírito, e porque não, alegria” (texto 1). Observando o quadrado semiótico temos:



No âmbito da sintaxe do nível fundamental, o “movimento” considerado ideal nos cinco textos é: ausência → não-ausência → presença. Esse movimento pode ser ilustrado com os enunciados “... através dessas pesquisas podemos interpretar que antigamente não era tão valorizada a literatura na sociedade.” E, logo em seguida, “...mas hoje é muito importante para o nosso dia a dia.” (texto 2). Ou ainda, no texto 3, “Talvez se fosse mais divulgados os livros como se divulgam eletrodomésticos a população entraria no ritmo.” “...mas já que a minoria se interessa podiam dar mais valor e qualidade à essas pessoas...”, enunciados que revelam a ausência da leitura literária, levando, em seguida, à busca de possíveis caminhos para a solução do problema: “...colocando cartazes...”; “adquirir livros novos.”; “... se fosse mais

divulgados os livros...” (texto 3).

## 2.2. O nível narrativo

“A narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes” FIORIN (1994, p. 21). A distinção entre narratividade e narração é oportuna, pois os textos analisados neste trabalho não são propriamente de textos cuja tipologia indicaria uma narração. De um lado, narratividade se define por uma narrativa mínima: em que há um estado inicial, uma transformação e um estado final. E de outro lado, “A narração constitui a classe de discurso em que estados de transformações estão ligados a personagens individualizadas.” (FIORIN (1994, p. 21). Portanto, o nível narrativo procura reconstruir a relação estabelecida entre um sujeito e um objeto de valor, com o qual ele (o sujeito) mantém uma relação de junção (conjunção ou disjunção), havendo, graças à narratividade uma transformação de estados (da disjunção para a conjunção ou vice-versa).

Nos textos analisados aqui, os sujeitos (alunos) se revelam em conjunção com o objeto de valor leitura literária e chamam a atenção para aqueles que estão em disjunção com esse Ov e em conjunção com outros valores inscritos em outros objetos. No texto 1, as expressões “*tempo disponível*”, “*mundo globalizado*” e “*tecnológico*” remetem a valores por meio dos quais o sujeito pode ser influenciado e, portanto, não encontrar/não aproveitar momentos de leitura. Na primeira, o tempo é utilizado como um instrumento, “*grande diversidade de opções no uso do tempo ...*”, o que leva o sujeito a, muitas vezes, preferir outras atividades durante as 24 horas do dia ou de um tempo que poderia ser usado na/para a atividade de leitura. Na segunda, é o mundo globalizado que aparece como um outro objeto de valor (um anti-objeto) que impede o sujeito de ocupar seu tempo com a leitura e beneficiar-se dela. Nos outros textos, ressaltam-se os aspectos positivos (valores) que se inscrevem no objeto leitura: “importância, influência positividade, prazer, entendimento, melhora o desempenho intelectual, liberdade”. Apenas o texto 5, discorre sobre o valor de agregar a liberdade e o discernimento sobre alguns temas sociais, como o racismo e o preconceito.

Uma vez definido o caráter eufórico da leitura e o interesse do sujeito por ela, a realização da performance de ler textos literários implica o estabelecimento de um

contrato, em que o sujeito se dispõe, inicialmente, a se submeter às orientações de seu destinador-manipulador: a escola.

Enquanto o fazer do destinador na manipulação é persuasivo e o fazer do destinatário é interpretativo, na sanção o destinador tem um fazer julgador e o destinatário, um fazer persuasivo, pois tentará convencer o destinador de que cumpriu o contrato e merece sanção positiva. LARA (2009, p.27).

Em todos os textos, portanto, a leitura (sobretudo literária) é um valor reconhecido socialmente e indispensável para a transformação do sujeito (alunos) em “bons leitores”. Isso depende, naturalmente, da aceitação do contrato proposto pela escola (sujeito modalizado pelo querer e/ou dever-fazer,) o que o leva à (pre)disposição para ocupar o tempo com a leitura (uma vez que ele, pelo menos em tese, tem competência para ler). Em outras palavras: aceitar os termos do contrato implica, para o sujeito, orientar-se pelo destinador-manipulador “escola”, enquanto fonte de valores, e seguir as suas orientações com o objetivo de passar de sujeito virtual a sujeito realizado, ou seja, transformar-se num bom leitor, o que pode ser confirmado nas passagens: “A escola tende a manter um grande nível na vida de uma pessoa”; “... a escola constitui um grande papel na constituição de futuros leitores...” (texto 1); “... a escola influenciou os ex-alunos a leitura de textos literários...” (texto 2); “A maioria das escolas tem como objetivo de influenciar os alunos a ler ...” (texto 3); “Cabe à escola influenciar mais seus alunos em relação à leitura, ...” (texto 4); “... a escola serve como influência e incentivo para seus alunos...” (texto 5).

Além do valor “necessidade”, outro valor se inscreve no Ov leitura: é o prazer de ler, pois “a leitura traz os benefícios de paz de espírito...”(texto 1). O prazer provocado pela leitura é, no entanto, condicionado pelo hábito de ler, performance que se deve realizar desde pequeno. “...é necessário que a pessoa se habitue à leitura desde pequeno” (texto 1). A modalização pelo querer e/ou pelo dever (que instauram o sujeito – virtual ou virtualizado) está ligada às motivações para a leitura: o estado de alma do sujeito, seu interesse e, naturalmente, o meio em que está inserido. A escola, destinador-manipulador, é apontada como uma instância cognitiva que influencia o sujeito a buscar a conjunção com o objeto de valor, leitura de bons livros, para que ele se transforme em um sujeito plenamente realizado (aquele que é leitor de literatura, aquele que realiza a

perfôrmança de ler literatura). Ela consegue transmitir para os alunos a importância do ato de leitura. “A escola tende a manter um grande nível de influência (...) nota-se crescente quantidade de pessoas que passam a ler” (texto 1). A perfôrmança, que depende da competência (no caso, a formação intelectual do sujeito que o leva a poder e a saber-ler), uma vez realizada, se estende por toda a vida.

A modalidade determinante, nos textos analisados, parecer ser o dever-fazer, que, por seu turno, leva ao querer-fazer (este dependente das determinações do dever-fazer). Observemos: “O hábito de leitura deveria ser algo constante...” (texto 1); é necessário que cada indivíduo se habitue à leitura desde pequeno”; “... se o livro for interessante devemos, ...”; “A escola tende a manter um grande nível de influência na vida de uma pessoa”(texto 1). A realização do sujeito, que recebe os benefícios da leitura, “..enriquecer o vocabulário”; “desenvolver o raciocínio lógico e exercitar a mente”; “traz paz de espírito (...) alegria”, (texto 1) depende, pois, da sua conjunção com o objeto de valor, ou seja, bons livros de literatura, cabendo também à escola sancionar (positivamente) a perfôrmança do sujeito (alunos) que lê.

A leitura aqui tomada como um objeto necessário (modalizado pelo dever-ser) e desejável (modalizado pelo querer-ser) desencadeia efeitos passionais (positivos) que transformam o estado de alma do sujeito (na relação com o objeto): “A leitura (...) traz os benefícios de paz de espírito (...) alegria” (texto1). Assim, o enunciado de estado de disjunção do sujeito com o Ov é transformado, e o sujeito de estado, em sincretismo com o sujeito de fazer, entra em conjunção com os valores proporcionados pela leitura.

Resta-nos, para encerrar o nível narrativo, comentar sobre as modalidades veridictórias, que se articulam como categoria modal em /ser/ vs /parecer/, estabelecendo a revelação da verdade (ser e parecer), da falsidade (não ser e não parecer), da mentira (parecer e não ser) ou do segredo (ser e não parecer). Os textos analisados tomam a literatura, categoricamente, como verdade. A literatura é mostrada, assim, como um objeto de valor inquestionável.

Outro objeto de valor que aparece nos textos como metonímia da literatura (o concreto pelo abstrato) é o livro. A escola, por sua vez, é a instância que não apenas leva a dever (e a querer) ler, mas também aquela que transmite o conhecimento (a competência: o poder e o saber-fazer) que permite a efetivação da perfôrmança capaz de transformar o sujeito num ser realizado. Ela assume o duplo papel actancial de

destinador-manipulador e destinador-julgador, pois é ela que determina os valores e as estratégias para o destinatário-sujeito (aluno) e também sanciona-o positiva ou negativamente, segundo a performance seja realizada de acordo ou não com suas determinações (e com a sua imagem do que seja um “bom” leitor).

### **2.3. Nível discursivo**

O nível discursivo analisa as categorias de tempo, espaço e pessoa investidos nos valores disseminados pela narrativa que, por sua vez, assume os valores abstratos do nível fundamental. O enunciador constrói o sentido do seu discurso por meio dos dispositivos de desembreagem, mostrando, assim, as projeções do enunciador no enunciado: é através desse mecanismo que o enunciador deixa suas marcas, posicionando-se em relação ao que diz. Além disso, o que ele diz é (re)construído através da reiteração de traços semânticos abstratos (temas, reunidos em percursos), podendo ainda ser recoberto por traços semânticos mais concretos (figuras, também encadeadas em percursos), o que leva à isotopia (plano de leitura).

Em todos os textos analisados, através do uso da debreagem enunciativa, o enunciador/aluno (autor implícito do texto) tenta se colocar de uma forma neutra para conferir ao seu discurso objetividade. De fato, o emprego da 3ª pessoa imprime ao texto um caráter de universalidade, ao serem apontados os valores inerentes à leitura (verbal) e à instância escolar, o que vai ao encontro do discurso tradicional da sociedade sobre a função da escola e sobre a importância da literatura, tanto no ensino básico quanto no ensino médio.

Há, no entanto, uma alternância de debreagens enunciativas (“ele”) e enunciativas (“nós” ou, mais raramente, “eu”), o que cria um efeito de sentido a meio caminho entre a objetividade e a subjetividade, permitindo a proposição de opiniões: “... constatamos que...”(texto 1); “através dessas pesquisas podemos”(texto 2) “Já sabemos da intensidade..”(texto 4); “... o meu comentário crítico...”

O lugar da enunciação, via de regra, estabelece distanciamento entre o enunciador e o lugar sobre o qual ele comenta. “A escola tende manter...” (texto 1); “A maioria das escolas tem ...” (texto 3); “Cabe a escola...”(texto 4 ); “...a escola tem que trabalhar com textos literários...” (texto 5). Já o tempo estabelecido é concomitante ao

momento de referência presente (o hoje), com a predominância de verbos no presente do indicativo – este, muitas vezes, com valor gnômico: “A escola tende manter um nível...”(texto 1); “... a escola constitui” (texto 1); “A maioria das escolas tem como...”(texto 3). O enunciador recorre ao passado, contrapondo, assim, o hoje e o ontem, quando investiga a atividade de leitura de ex-alunos: “Hoje é muito importante a literatura nas nossas vidas, através dessas pesquisas podemos interpretar, que antigamente não era valorizada a literatura na sociedade, mas hoje é muito importante para o nosso dia a dia” (texto 2); “Mas a escola influenciou seus alunos...” (texto 5), projetando-se ainda, embora mais raramente, no futuro do presente: “a escola trabalhando com gêneros com os seus alunos, eles vão passar a se interessar mais pela leitura” (texto 5); e no futuro do pretérito (tempo enuncivo, que tem a função de sinalizar algo hipotético ou irreal): “O hábito de leitura deveria ser algo constante na vida de cada pessoa” (texto 1); Mas poderiam influenciar mais colocando cartazes visitando as salas de aula e adquirir livros novos. (texto 3).

O que se pode afirmar sobre os textos produzidos pelos alunos e analisados acima, de acordo com as categorias da semiótica greimasiana, é que todos eles se assemelham, apesar das diferentes atividades realizadas durante o mês que precedeu a produção do texto final e que deveriam, portanto, servir-lhe de base: leituras, debates, pesquisa de campo, produções escritas, aulas expositivas, recursos imagéticos (filmes), Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de se tratar de uma atividade escolar, em que cabia aos alunos seguir as determinações do professor. Daí a semelhança entre os textos produzidos. Por exemplo, eles seguem um mesmo tipo de argumentação: aquela que mostra a literatura como eufórica (associada a termos, como *interesse, ajuda, prazer, liberdade, importância* etc), sem nenhuma discussão prévia, ou seja, define-se a literatura, já de saída, de forma positiva – definição argumentativa (LARA, 2004, p.88).

Além disso, os argumentos, via de regra, são genéricos, remetendo ao discurso do senso comum: “é cada vez mais difícil encontrar pessoas que estejam interessadas em ler bons livros...”, “... a escola constitui um grande papel na constituição de futuros leitores ...”(texto 1); Quando se lê com prazer se tem um melhor entendimento” (texto 4); “...a literatura é realmente uma arte...” (texto 5).

Alguns tipos de argumentos muito recorrentes nos textos analisados são: 1) argumentos centrados na noção de dever: “Cabe à escola influenciar mais seus

alunos...” (texto 4); “... é a escola que deve...” (texto 5); 2) argumentos indutivos, aqueles que partem de um ponto de vista particular como se fosse universal: “O hábito de leitura deveria ser algo constante na vida de cada pessoa. Porém é cada vez mais difícil encontrar pessoas que estejam interessadas em ler bons livros” (texto 1); “A literatura tem uma importância muito grande na vida, porém nem sempre é valorizada” (texto 4); 3) argumentos que apontam causas: “... é cada vez mais difícil encontrar pessoas que estejam interessadas em ler bons livros, em face da grande diversidade de opções do uso do tempo no atual mundo globalizado e tecnológico.” (texto 1).

Quanto aos percursos temáticos e figurativos que asseguram a isotopia (um plano de leitura coerente), trata-se de textos predominantemente temáticos (aqueles que ordenam, justificam ou explicam a realidade), com figuração esparsa. Desse modo, o enunciador/aluno aponta temas como “utilidade”, “benefício”, “importância” e “influência” da leitura, valendo-se de figuras como “*escola*” e “*livros de literatura*”. Em todos os textos, esses temas são comuns (tornam-se predicções das figuras citadas).



## CONCLUSÃO

Com o presente trabalho, procuramos refletir sobre os sentidos que emergem dos textos produzidos por alunos que moram e frequentam a escola pública na periferia de Santa Luzia. À luz da semiótica francesa e, mais particularmente, do percurso gerativo proposto por Greimas. A leitura dos textos permitiu-nos elucidar os mecanismos utilizados pelos enunciadores para construir seu discurso e manifestá-lo por meio de um texto.

Afinal, como mostra Fiorin (2007, p. 4), se o texto é individual, o discurso é social. Afinal, há um nível grande de liberdade no âmbito da textualização, enquanto, no âmbito do discurso, o homem está preso aos temas e às figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido.

Os cinco textos analisados recorrem ao lugar comum: o discurso social da valorização da leitura enquanto um bem na formação do indivíduo e a importância do papel da escola na preparação do indivíduo, revelando, pois, uma imagem comum – discursivamente construída – da leitura (e dos leitores). Mostram ainda um discurso fragmentário em que tanto a escola quanto os personagens que nela atuam (profissionais do ensino ou estudantes) são vistos e analisados de maneira descontextualizada. Vejamos, por exemplo, o tratamento dado pelos enunciadores dos textos à imagem do objeto valorizado, “a leitura”, pois recorrem a temas que simplesmente afirmam o seu caráter positivo: a importância, a utilidade e os benefícios que ela traz para aqueles em que ela se faz presente. Vejamos, no entanto, que a leitura parece mais uma “entidade fantástica” em que poucos sentem a sua presença, principalmente, quando se trata de leitura de textos literários. Ora, a leitura tem como objeto de referência o sujeito que age no/e sobre mundo (relação com os objetos de valores) e as transformações decorrentes dessa relação. Quanto à imagem da escola, esta é vista pelos enunciadores dos textos, como instância onde os alunos são educados e preparados para o aprendizado da leitura. A escola é apontada, por excelência, o espaço onde é transmitido aos alunos a competência do saber-fazer-fazer.

Retomando à hipótese mencionada na introdução: a escola ensina efetivamente

os alunos a ler textos literários? Podemos constatar, no entanto, os alunos não sabem ler, as deficiências de leitura apresentadas ao longo da análise dos textos podem ser aferidas, principalmente no que concerne ao nível de informação sobre o tema tratado. A escola, por sua vez, que desempenha o duplo papel de manipulador-destinador e julgador falhou também na performance em transformar o que lhe fora delegado, um sujeito (ideal) não-realizado.

Terminando a exposição, pretendo com este trabalho provocar a reflexão sobre as dificuldades da leitura nas escolas decorrentes do ensino-aprendizagem até então e, principalmente, sobre as teorias que orientam tais práticas e propor a abordagem teórico metodológico da semiótica Greimasiana que busca simular o percurso de sentido da leitura, desde a sua forma mais simples (abstrata) até à sua forma mais complexa (concreta) de manifestação apreensível pelos sentidos...

## **ANEXO: TEXTOS DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

### **Texto 1: A escola influenciou seus alunos à leitura de textos literários, nas últimas décadas?**

O hábito de leitura deveria ser algo constante na vida de cada pessoa. Porém, é cada vez mais difícil encontrar pessoas que estejam interessadas em ler bons livros, em face da grande diversidade de opções do uso do tempo no atual mundo globalizado e tecnológico.

Neste contexto, cabe a importância da literatura.

Cada livro fornece ao leitor uma gama incrível de verbetes e opções de utilização dos mesmos, enriquecendo o vocabulário de quem o lê, além de ajudar no desenvolvimento de raciocínio lógico e exercitar a mente. A leitura, quando feita com prazer, traz os benefícios de paz de espírito e, por que não, alegria. Mas para que se alcance o nível de prazer, é necessário que cada pessoa se habitue à leitura desde pequeno.

Descobrir o nível de “felicidade” de um indivíduo ao ler um livro não é uma tarefa simples. Em primeiro lugar há de se averiguar o quanto a pessoa está motivada para a leitura daquele livro. E o primeiro passo é verificar se o assunto do livro interessa àquele cidadão. Se o livro for interessante devemos, então, verificar o quanto o meio influencia na “vontade” de leitura do mesmo. E é neste contexto que se verifica a importância da escola para a formação do caráter intelectual do indivíduo.

A escola tende a manter um grande nível de influência na vida de uma pessoa. Devido a este motivo, nos últimos anos, nota-se a crescente quantidade de pessoas que passam a ler livros por prazer e descobrir isto é extremamente gratificante para o pesquisador [bom leitor].

Em uma pesquisa realizada com ex-alunos que completaram o ensino médio, constatamos que: dentre os entrevistados cerca de 70% dos leitores ativos são mulheres, que lêem por prazer e/ou entretenimento e, além disso, o principal gênero textual lido é o romance. Os homens (30%) não são tão interessados pela leitura quanto às mulheres, porém, eles estão mais focados em receber informação, tendendo, dessa forma, a ler textos voltados a esse objetivo. Quando perguntados se, de alguma forma, a escola os influenciou a leitura, cerca de 80% dos entrevistados respondem que sim, foram muito influenciados pela escola à leitura de textos literários.

Assim, podemos afirmar que a escola constitui um grande papel na constituição de futuros leitores, e, que sem essa influência, não teríamos tais resultados. É claro que tudo depende não só de da influência exercida pela escola, mas também pelo caráter intelectual do leitor. Vale

lembrar que este é desenvolvido no decorrer da vida e que mesmo ele sofre a influência da escola, demonstrando, mais uma vez, a importância e a influência da escola para a formação dos leitores.

(Alunos da turma 101 – 1º série do ensino médio)

### **Texto 2: A escola influenciou os ex-alunos à leitura de textos literário**

Os alunos da turma 101 e 102 fizeram uma pesquisa, com o objetivo de saber se os ex-alunos continuam a ler e se a escola influenciou os alunos a leem texto literário.

Hoje é muito importante a literatura nas nossas vidas, através dessas pesquisas podemos interpretar, que antigamente não era valorizada a literatura na sociedade, mas hoje é muito importante para o nosso dia a dia.

Fizemos essa pesquisa com o propósito de descobrir, se a escola influenciou os ex-alunos a leitura de textos literários. Com dados da pesquisa podemos dizer que de 185 pessoas entrevistadas mais de 80% disseram que sim, que a escola influenciou a leitura de textos literários e menos de 20% disseram que não.

Das 185 pessoas entrevistadas, entre 7 e 9 pessoas não leem a literatura, e o gênero mais lido entre os homens é a notícia, com 29 votos e entre as mulheres é o romance, com 40 votos, e o motivo da leitura entre ambos é adquirir conhecimento, com 49 votos.

Nos entendemos que a escola influenciou os alunos leem texto literários, e na maioria das vezes as pessoas continuam a ler após se formar.

(Alunos da turma 101- 1º série do ensino médio)

### **Texto 3: A escola influenciou os ex-alunos à leitura de textos literários?**

A maioria das escolas tem como objetivo influenciar os alunos a ler por isso a maioria das escolas colocam diversos tipos de livros literários nas bibliotecas para que os alunos se interessem à literatura. Mas poderiam influenciar mais colocando cartazes visitando as salas de aula e adquirir livros novos.

É claro que as pessoas precisam de ter interesse, mas já que a minoria se interessa podiam dar mais valor e qualidade à essas pessoas, pois elas podem ajudar a sociedade a ser influenciadas.

Talvez se fosse mais divulgados os livros como se divulgam eletrodomésticos a população entraria no ritmo.

Sobre a pesquisa, os entrevistados fora influenciados à literatura.

Por mais que com estilos diferentes mas eles acabam gostando da ideia e todos os entrevistados hoje leem com frequência. Eles descrevem que não leem por obrigação e sim por vontade própria.

(Alunos da turma 101 – 1º série do ensino médio)

#### **Texto 4: A escola influenciou os ex-alunos à leitura de textos literários?**

A literatura tem uma importância muito grande sempre é valorizada, seja por falta de interesse, motivação ou oportunidade. Mas a escola influenciou seus ex-alunos à leitura dos textos literários?

Já sabemos da intensidade da importância sobre a literatura, porém poucos sabem qual seria essa importância. Quando se lê por prazer se tem um melhor entendimento sobre aquilo que se está lendo, criando, dessa maneira, uma capacidade superior de assimilar o conhecimento.

Cabe à escola influenciar mais seus alunos em relação à leitura, portanto é necessário total empenho da mesma para a formação de futuros leitores.

Com isso concluímos que existem interesses variados entre os sexos em relação há gêneros de leitura, e que mais ou menos 70% das pessoas são influenciadas pela leitura escolar (dados retirados de uma pesquisa escolar realizada pelo 1º ano do ensino médio).

Após uma detalhada observação constatamos que, nas últimas décadas a escola tem influenciado mais seus alunos à literatura de textos literários. Dessa forma ainda, podemos concluir que a aprendizagem está “evoluindo”, mas é necessário, não somente de apoio escolar mas também de interesse pessoal.

(Alunos da turma 101 – 1º série do ensino médio)

#### **Texto 5: A escola influenciou os ex-alunos à leitura de textos literários?**

O objetivo desta pesquisa que fizemos, dentro da sala de aula, foi realmente saber se a escola influenciou os ex-alunos na leitura de textos literários, e o motivo da produção textual é mostrar se a escola influenciou ou não seus ex-alunos na leitura.

A literatura é realmente uma arte que traduz a necessidade do homem de ampliar a compreensão do mundo, é uma forma de compreender essa sociedade que é tão diferente, tão cheia de cultura, cheia de coisas boas e ruins, tão cheia de amor e preconceito. A sociedade brasileira é composta de vários artistas que realmente são esplendidos no que fazem, artistas escritores que descrevem a sociedade observando a sociedade, os contos e o modo de vida das pessoas. Um grande artista escritor foi Machado de Assis que contribuiu nos dando uma lição:

que o Brasil tem que ser livre, livre de preconceitos, racismos, de divisão da sociedade. Uma das suas maiores contribuições também foram suas obras, seus romances contribuiu na cultura ilustrando a sociedade com seus contos. Resumindo foi um grande artista.

O propósito da pesquisa foi mostrar se a escola influenciou ou não os seus ex-alunos à leitura de textos literários e mostrar uma estatística de gêneros e alunos, o que liam e quantas pessoas liam, era saber se realmente a escola influenciou ou não.

A interpretação dos dados desta pesquisa é que mulher le muito mais que o homem e a maioria as pessoas que leem é a maioria das pessoas que leem é por buscar entendimento, e a escola influenciou muito na literatura dos ex-alunos. O meu comentário crítico em relação a pesquisa e ao tema é que é muito importante a população ler e entender sobre a leitura, ler é uma arte, é conhecimento, é informação, ler é uma forma de entender a vida. Mais o tema proposto nos fazer debater sobre a influência da escola na vida dos alunos, a escola tem que trabalhar com textos literários para estimular seus ex-alunos a lerem depois que se formarem.

A resposta final sobre o objetivo, é que a escola trabalhando com gêneros com os seus alunos, eles vão passar a se interessar mais pela leitura, a escola serve com influência e incentiva para seus alunos, é a escola que deve dar o exemplo. A pesquisa mostrou que algumas escolas tem feito seu papel, mais ainda boa parte da população não lê.

(Alunos da turma 101 – 1º série do ensino médio).

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luis. (org.). In *Introdução à linguística II. Princípios de análise/ José Fiorin (org.)*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Introdução à linguística II. Princípios de análise/ José Fiorin (org.)* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LARA, Glaucia Muniz Proença. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

\_\_\_\_\_. *Semiótica discursiva: Questões teórica e metodológicas*. Curso de especialização em Língua Portuguesa: Ensino e leitura e Produção de Textos. Belo Horizonte, UFMG, 2010.